

REFLEXÕES SOBRE O CORPO FEMININO A PARTIR DA CONCEPÇÃO FOUCAULTIANA

Natália Regina Oliveira Santos ¹

Resumo: Esse artigo pretende percorrer o estudo foucaultiano que discorre sobre o assujeitamento dos corpos dóceis pelo poder disciplinar na sociedade, a partir da observação da difusão das Instituições Penais dos séculos XVIII e XIX. A ideia é dialogar com a perspectiva de gênero, que coloca a mulher na condição de cordialidade diante da sociabilização patriarcal. Utilizando a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, a intenção é verificar como Foucault e as teóricas feministas têm debatido e problematizado a imposição de categorias e passividades ao corpo feminino.

Palavras-chave: Foucaultiana; Corpos Dóceis; Sociedade; Poder Disciplinar; Mulheres.

REFLECTIONS ON THE FEMALE BODY FROM THE FOUCAULDIAN CONCEPTION

Abstract: This article intends to study the Foucauldian study, which discusses the subjection of docile bodies by the disciplinary power in society, from the observation of the diffusion of Penal Institutions in the 19th century. XVIII and XIX. The idea is to dialogue with the gender perspective, which places women in a condition of cordiality in the face of patriarchal socialization. The use of bibliographic research and documental research, the intention is how Foucault and feminist theorists have debated and problematized the imposition of categories and passivities on the female body.

Keywords: Foucaultian; Sweet Bodies; Society; Disciplinary Power; Women.

1. Introdução

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 1987, p. 165).

O trecho que inicia este artigo pertence à obra *Vigiar e Punir: Capítulo I – "Os Corpos Dóceis"*, do filósofo francês Michael Foucault, produzido para

¹Mestre em Estudo da Condição Humana, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Advogada. Procuradora Jurídica da Câmara Municipal de Itapira. E-mail: nataliaros@estudante.ufscar.br.



refletir a questão disciplinar na sociedade, a partir das Instituições Penais que começam a surgir-nos sécs. XVIII e XIX. Neste pensar, as técnicas de disciplina produzem nos corpos a “relação de docilidade-utilidade” (p.164) para a construção e modelação de corpos submissos pela hegemonia do poder.

A pretensa é traçar um diálogo da concepção foucaultiana pensando na perspectiva de gênero, em que as mulheres têm seus corpos assujeitados para comportamentos dóceis, cordiais, como forma de manutenção da sociedade patriarcal (SAFFIOTI, 2015).

O gênero pode ser entendido como uma categoria de análise das relações sociais; uma primeira forma de significar as relações de poder entre homens e mulheres. Tais relações, dadas no interior do sistema patriarcal, produzem, reproduzem e sustentam padrões de comportamento a serem assumidos pelas duas categorias (SCOTT, 1995).

As discussões feministas apresentam o patriarcado, numa concepção contemporânea, de dominação e exploração das mulheres, utilizado de forma abrangente, ou seja, a presença do patriarcado não pode ser vista tão somente sob a ótica doméstica – no modo weberiano, anterior ao Estado, em que o domínio se apresenta nas tradições conjugais – mas, deve (e pode) ser analisado a partir da dominação presente em todas as “dinâmicas sociais, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais” (MORGANTE; NARDER, 2014).

Nesta perspectiva, cabe dialogar com Carole Pateman (1993), que coloca o patriarcado como elemento central para se pensar nos acordos mútuos, denominado contrato social, presentes na sociedade, ao passo que as mulheres têm como os homens contrato sexual, por intermédio do matrimônio, entretanto não ocupam a mesma posição hierárquica, tanto na esfera privada quanto na esfera pública. A liberdade civil que compõem requisito para o pacto entre aqueles acordam contratualmente está intimamente ligada aos sujeitos que o realizam, logo, se a sociedade civil é uma comunidade de homens para homens, a mulher aufere, diante de sua baixa capacidade política e escolaridade, a subordinação, permanecendo dentro de suas casas, em disposição aos seus maridos. Homens desfrutam de posições e condições de privilégio, nas relações sociais, se comparados às mulheres.

Através da socialização, os indivíduos são ensinados a cumprirem determinados “papéis sociais” no patriarcado. Este sistema situa homens e mulheres em relações desiguais de poder e dominação, nas quais os homens “detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens” (DELPHY, 2009, p. 173). O elemento de dominação presente no gênero masculino apresenta-se nos discursos, nas práticas sociais e individuais, nos núcleos familiares e nos hábitos, funcionando de maneira universal. Pierre Bourdieu (1995) explica que essa monopolização universal adensa ao homem é “de fato e de direito, do humano, isto é, do universal, que está socialmente autorizado a sentir-se portador da forma total da condição humana”.

Nesta presença universal e singular, a própria linguagem designa o homem como representativo da humanidade (em geral). Essas dicotomias são elevadas a ponto de a sociedade pensar sempre em distinções (em oposição)

masculinas e femininas, inserindo nas mulheres todas as práticas de divisão de trabalho que sejam “no lado do interior, do úmido, do baixo, do curvo, do contínuo” (BOURDIEU, 1995, p. 138) tais como atos domésticos, criação dos filhos dentre outros; e aos homens o lado público, de trabalhos “espetaculares”, das atividades viris.

A “dominação masculina”, presente no estudo de Pierre Bourdieu na sociedade cabila, demonstra como a sociedade se estrutura historicamente pautando o masculino. O processo de naturalização dessas relações desiguais entre homens e mulheres produz “modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação” (BOURDIEU, 2020, p.17).

Para construção dessas reflexões, o processo metodológico será construído a partir da pesquisa bibliográfica da obra referenciada do Foucault, que debruça sobre o poder disciplinar nos corpos e também, das literaturas que tratam da imposição assujeitada a mulher, como cordial e amável na sociedade.

2. Referencial Teórico

A construção do referencial teórico passa primeiramente pela autora cursar a disciplina de Discurso, Biopolítica e Constituição do indivíduo numa perspectiva foucaultiana no Programa de Pós-Graduação em Estudo da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar (*Campus Sorocaba*).

Durante as aulas, o estímulo em pensar a condição de assujeitamento presente nos corpos femininos, a partir do poder disciplinar, mostrou como a subjetivação em sociedades disciplinares conduz as mulheres à obediência de padrões, docilização e mecanismos dominantes. Assim, concentrou-se o estudo nas Obras “*Vigiar e Punir*” e “*História da Sexualidade*”, em diálogo com os estudos feministas de diversas teóricas da contemporaneidade.

3. Metodologia

No processo metodológico, a busca foi trazer uma perspectiva pós-estruturalista, em paralelo aos estudos feministas contemporâneos.

Com isso, a pesquisa refletiu, com base na Pesquisa Bibliográfica de algumas obras do filósofo Michael Foucault, para compreensão da docilidade dos corpos numa sociedade disciplinar.

A utilização desta metodologia consiste em observar como o autor contribui para pensar este modelo de sociedade que está solidificando no decurso do tempo e enriquecer através da análise como isso atravessa o gênero feminino, ainda que numa perspectiva foucaultiana, os escritos pouco debruçam sobre a temática de gênero.

Para tanto, utilizei as obras “*Vigiar e Punir*” e “*História da Sexualidade: Vol 1 – A vontade de saber*”.

E, por fim, a pesquisa documental que corrobora o discutido no contexto, na tentativa de buscar outras interpretações, a fim de compreender o

fenômeno intrínseco utilizado que apresentam à sociedade o que é ser mulher, a partir da visão falocêntrica. Desta forma, buscou-se em matérias veiculadas em mídia impressa e virtual,

4. Resultados e discussões

4.1. Concepção foucaultiana sobre "corpos dóceis"

Michael Foucault explica o assujeitamento da sociedade no século XVIII e XIX, por intermédio da disciplina. Os corpos dóceis são adestrados para uma utilidade específica, sem utilização de coerção física, não se compara as "fórmulas gerais de dominação" (p.164), tais como a escravidão ou a domesticidade.

No processo da disciplina, a utilização da "docilidade-utilidade" é criada para que o corpo se transforme numa máquina de eficiência, para que atinja a maior potencialidade, tal como uma máquina produtora,

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (FOUCAULT, 1987, p. 164).

Esse adestramento do corpo pelas técnicas de disciplina só é possível por uma sequência articulada, que reúne em três pontos: O primeiro é a distribuição dos indivíduos num espaço, às vezes exige-se um lugar heterogêneo e que esteja protegido da "monotonia disciplinar" (p. 168). Esse modelo vai sendo implantado nos conventos, quartéis e com a Revolução Industrial estende-se às fábricas, como forma de conter a vadiagem, aumentar a vigilância e conter os tumultos, as reuniões em massas (FOUCAULT, 1987). O segundo passo é a divisão desse espaço, numa espécie de espaço analítico. No terceiro passo, surgem as "localizações funcionais" para criação de um espaço que se torne útil para melhor controlo e vigilância. No último o passo, Foucault utiliza as salas de aulas para exemplificar como a disciplina utiliza-se da distribuição dos estudantes em fila, de maneira enfileirada, para impor a posição que cada um ocupa numa determinada classe, tudo para que seja mantida a ordem e a obediência, criando espaços funcionais e hierárquicos, similar aos quartéis de soldados.

Para melhor aproveitamento desse corpo, devem-se controlar as suas atividades, utilizando do horário, sem a possibilidade de pausas, tudo para que torne o tempo mais útil; o controle gestual e do comportamento "é definida a posição do corpo, dos membros, das articulações; para cada movimento é determinada uma direção, uma amplitude, uma duração; é prescrita sua ordem de sucessão" (p.178).

Esse corpo disciplinado deve ter correlação com a eficiência e rapidez dos atos; a disciplina articula como o corpo deve ser em relação ao objeto que se manuseia, num processo de “codificação instrumental do corpo” (p. 179) com sua utilização exaustiva, com máxima eficiência.

A disciplina utiliza da organização e capitalização do tempo, a partir de 4 processos, que foram usados pela organização militar, são eles:

1) divisão do tempo em segmentos, cada etapa do soldado deve ser composta por um tempo; 2) sequências desta divisão do processo anterior, deve estar dentro de um espaço analítico, ou seja, conferindo maior grau de complexidade, de forma crescente, evitando assim a “repetição analógica” (p.184); 3) aplicação de exame final, como forma de avaliar o aprendizado e a capacidade de cada indivíduo; 4) estabelecer papéis para cada um, de acordo com seu nível ou categoria.

Por fim, a disciplina exige-se uma combinação de forças, com observâncias das variáveis dispostas num no local que executará, com uma série cronológica de tempo, de forma que seja aproveitado o tempo de cada indivíduo para melhor resultado, ou seja, uma união de forças, controlado por um comando que utilize da sinalização de forma breve e clara, com poucas palavras, de forma que o sujeito aprenda de forma imediata e automática.

O assujeitamento dos corpos dóceis, a partir das técnicas de disciplina, com os processos elencados “constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza “tática” (p, 194)”. Todos os corpos dóceis são produzidos de forma gradual, com a utilização de práticas já usadas em Instituições que possuem a disciplina, como forma de controle do sujeito. (FOUCAULT, 1987; MACEDO 2020).

2. A docilização do corpo feminino

As práticas sociais tornam o corpo feminino passível de docilização, para fins de submissão à lógica patriarcal. A domesticação do corpo, interseccionando os fatores de raça e classe, determinam mudanças para que a feminilidade seja cordial e normatizada (TÍLIO et al. 2020; SAFFIOTI, 2015).

Em paralelo a domesticação, o ocidente produz discursos sobre a sexualidade, principalmente durante os séculos XVIII e XIX, que enfatizaram o modelo de normalidade baseado na concepção monogâmica (heterossexual), apresentando o caráter normativo do “casal legítimo” (Foucault, 1988). A cultura ocidental desenvolveu, assim, uma ciência da sexualidade, com a ciência médica, que produziu saberes sobre o sexo. Desta forma, a monogamia heterossexual é concebida como regra, ou padrão de normatividade. Desta maneira, estabelece-se uma relação entre perversão, delinquência e loucura que caracteriza as sexualidades periféricas, todas as orientações que “fujam” a essa normatividade.

Além disso, o dispositivo da sexualidade, que constitui o indivíduo, produz discursos de poder, para fazer agir neles a disciplina, o controle e a administração da sua sexualidade. O dispositivo da sexualidade “tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar,

penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (FOUCAULT, 1988, p. 118).

Nesse sistema de dominação, as mulheres são como “categoria social”, que desempenham papéis de

Objetos da satisfação sexual dos homens, reprodutoras de herdeiros, de força de trabalho e de novas reprodutoras. Diferentemente dos homens como categoria social, a sujeição das mulheres, também como grupo, envolve prestação de serviços sexuais a seus dominadores (SAFFIOTI, 2015, p.94).

Isso aprofunda as desigualdades de gênero, visto que os homens, mesmo pertencentes a uma categoria social, possuem uma “superioridade política” as mulheres, numa perspectiva que valoriza a masculinidade (TÍLIO *et al.* 2020)

Para exemplificar essa docilização do corpo feminino, duas situações midiáticas expõem este processo:

i) A matéria veiculada na Revista Veja, no ano de 2016, que colocava em sua capa, a imagem da Marcela Temer - esposa do ex-presidente Michel Temer, com o título “Bela, Recatada e do Lar”.

ii) A propaganda da Hope (marca de roupas íntimas para o público do gênero feminino), estimula em seu comercial que há uma forma correta de pedir desculpas ao marido. Primeiro, o comercial mostra a modelo utilizando um vestido neutro, e intitula que esta é a forma incorreta e depois, a modelo usa roupas íntimas, e que esta é a forma correta de conseguir que o marido aceite as desculpas.

O primeiro exemplo, atrelar a mulher exclusivamente à vida doméstica. A construção da matéria jornalística, pela frase slogan, com a imagem da mulher branca de roupas “decentes” é criar o imaginário de mulher afável, SANCHES (2017) afirma que “a mulher é posicionada de forma docilizada, preparada para ocupar o lar e ser uma boa esposa e mãe”. Assim, quem lê a matéria jornalística, incute em seu consciente que para acessar a posição de comando, como no caso da esposa do ex-vice-presidente (Marcela Temer), é preciso que haja de maneira que supra os anseios do homem, que seja regrada em suas atividades e que desempenhe um papel de mãe afetuosa, dentro do espaço doméstico.

Na segunda matéria midiática, a propaganda categoriza a mulher através da sua vestimenta. Conecta que para a mulher tornar-se exemplo de sensualidade, deve abster-se das vestimentas e explorar o seu corpo para conquistar a “reconciliação” perante o seu cônjuge. A ideologia dominante incorpora nos meios de comunicação e reforçam os “papéis de gênero”, impostos às mulheres, SOUSA e SIRELLI (2018) ressaltam que,

Essas campanhas têm em comum um profundo desrespeito à mulher, pois todos os atributos considerados como tipicamente femininos são depreciados e carregados de preconceito. A associação da venda de determinado produto destinado ao

público masculino com o poder de conquista ou dominação sobre as mulheres é comum, e poderíamos citar aqui muitos outros exemplos, bem como poderíamos listar todas as campanhas que associam produtos de limpeza para casa à imagem de mulheres lindas e felizes com seus afazeres domésticos, como se a limpeza da casa fosse responsabilidade exclusiva das mulheres - e como se toda mulher se sentisse linda e feliz ao fazer uma faxina em casa.

Nesta esteira, a mulher que não preenche este perfil, que possui características masculinas ou que venha a questionar esse sistema, passa por uma série de questionamentos moralizantes a fim de reduzir sua condição, enquanto mulher (Sousa e col. 2018).

Destarte, os corpos femininos em sua existência são julgados e adestrados para as relações sociais, com a finalidade de captação de lucro pela Indústria, principalmente na dominação-exploração que perpassa o controle hierarquizante (SAFFIOTI, 2015; SOUSA *et al.* 2018; RAGO, 2019).

5. Considerações finais

Na concepção foucaultiana, as análises sobre o assujeitamento dos corpos são categorizadas de forma universal, não versando uma abordagem que intersecciona a mulher, enquanto corpo docilizado, não somente pela estrutura de poder, mas também como instrumento pela dominação masculina, ainda que em outros ensinamentos Foucault reconhecesse importância da libertação feminina (NARDI, 2007).

A técnica de disciplina dos corpos representa um elemento histórico, da passagem do séc. XVII ao séc. XVIII, e que conflui com a ideologia dominante e presente nos discursos patriarcais, inclusive utilizados pelas Instituições, em que o corpo feminino é subserviente ao interesse "do outro". Sua posição docilizada estabelece a premissa de ordem social, de que suas ações devem ser moldadas ao interesse do sistema de dominação.

O Estado, como forma de representação do poder, reproduz na sociedade civil o perfil do homem branco, viril e elitizado. Saffioti (1995) explica dentro da perspectiva feminista que o "Estado burguês, coercitiva e autoritariamente, constitui a ordem social no interesse dos homens como um gênero - através de suas normas, padrões, relação com a sociedade e políticas substantivas legitimadoras" (p. 201). Assim sendo, a atuação do Estado reflete sob o corpo da mulher, esse mesmo controle produzido pela estrutura masculina.

Os estudos de gênero e de teóricas feministas levantam a problemática do Foucault não realizar uma análise subjetiva do corpo feminino e nas relações de poder exercidas sobre esses corpos, entretanto, há uma excelente contribuição do autor para o pensamento do discurso normatizador e pujante na sociedade por meio das práticas disciplinares, numa "microfísica do poder", que não cessa, e possui a tendência de cobrir o "corpo social inteiro".

Tais práticas, conforme apontado ao longo do texto, são colocadas de maneiras sutis, sem muito alarde, mas que ganham forma à medida que vão se incorporando pelas instituições na sociedade. As relações de poderes que atravessam o gênero constituem parte deste elemento, e que conseqüente reverbera em práticas sexistas, em desigualdades de gênero e no gradativo aumento dos casos de mulheres em situação de violência doméstica. Ainda que, há predominância de dominação dos corpos, as mulheres têm se organizado - mundialmente - em movimentos articulados feministas, enquanto mobilização social, a fim de oferecer resistência ao processo de subjetivação que as colocam num local social de determinismo biológico binário, como forma de perpetuar as práticas sociais de violência, machismo e desigualdade de gênero.

A pretensão deste artigo objetivou traçar um paralelo, a partir da obra de Foucault e problematizar como as questões relacionadas ao gênero ainda estão intrincadas na sociedade e que é urgente pensar num novo modelo de coexistência que supere essa forma dominante dos corpos.

Referências

BORDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. São Paulo, Bertrand Brasil, 2020.

FRANÇA, Karoline Veiga; BRAUNER, Maria Claudia Crespo. O corpo feminino sob uma perspectiva foucaultiana: rumo à construção dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres no Brasil. **VII Seminário de Corpo, Gênero e Sexualidade**, 2018. FURG.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis. Vozes. 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro. Graal, 1998.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **A medicina da mulher**: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia no século XIX. 2000. 311f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil, 2000.

NARDI, Henrique Caetano; NARVAZ, Martha. Problematizações feministas à obra de Michel Foucault. **Revista Mal-Estar e Subjetividade** v.7 n. 1. p. 45-70. Fortaleza, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 out. 2021.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

RAGO, Margareth. "Estar na hora do mundo": subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. **Interface** (Botucatu). 2019; p. 1-11. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/ccCCbt4pcXx4CTWhX8JnBmc/?lang=pt>. Acesso em: 4 nov. 2021.

SANCHES, Romário Duarte. Bela, recatada e do lar: relações entre a prática discursiva sobre a mulher e a docilização dos corpos em Foucault. **Revista Sísifo**, n.5, 2017. Feira de Santana. p.79-95.

Disponível em: <http://www.revistasisifo.com/2017/05/bela-recatada-e-do-lar-relacoes-entre.html>. Acesso em: 30 out. 2021.



SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, Joan. "GENERO: Uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade** (1990): p. 71-99.

SOUSA, Marília de Oliveira; SIRELLE, Paula Martins. **Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher**. **SciELO Brasil** - Serviço Social, São Paulo, n. 132, p. 326-345. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/gXHm78WFWRyz3mkK6qtYMPv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2021.

TÍLIO, Rafael de; MORÉ, Isabella Alves Azevedo; SAMPAIO, Natália Prado; LEANDRO, Renata Cristina Ribeiro; COHEN, Carla Ribeiro; LEONILDAS, Carolina. **Corpo feminino e violência de gênero: uma análise do documentário "chega de fiu fiu"**. SciELO Brasil - Psicologia e Sociedade. 2020. p.1-15. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/wWtLhjQP3hRQC5hDt6Pz7qg/?format=pdf>. Acesso em: 26 out. 2021.

Recebido em: 21 de março de 2022.
Aceito em: 26 de julho de 2022.
Publicado em: 11 de dezembro de 2022.